



OS VIAJANTES E A MATA ATLÂNTICA NO PARANÁ: Diferentes percepções de um bioma (1875 – 1920)

Tayná Gruber¹
Alessandra Izabel de Carvalho²

RESUMO:

Esta pesquisa busca compreender como os fatores bióticos e abióticos de parte do Bioma Mata Atlântica, pertencente ao território paranaense, foram percebidos e descritos por viajantes no final do século XIX e início do século XX. O conjunto documental levantado para este artigo constitui-se de três relatos de viagem, sendo a primeira descrição analisada a do Capitão Nestor Borba, realizada em 1875, tendo como local de partida a cidade de Curitiba com destino final as Sete Quedas na região de Guairá; a segunda descrição é do Tenente José Candido da Silva Muricy, realizada em 1892, tendo como local de partida Guarapuava e como destinos a tríplice fronteira na região de Foz do Iguaçu e as Sete Quedas na região de Guairá; e a última descrição de viagem analisada é do jornalista Jayme Ballão, que realiza este percurso em 1920, começando em Curitiba e tendo como destinos também a tríplice fronteira na região de Foz do Iguaçu e as Sete Quedas na região de Guairá. O estudo desse material frisa as seguintes questões: investigar mais profundamente quem eram esses viajantes selecionados e o que os motivou a viajar e escrever sobre suas viagens; como as características do bioma aparecem em seus relatos; e que sentimentos, sensações, percepções e/ou discussões essa experiência suscitou. Para construir a base teórica e metodológica, este trabalho dialoga com pensadores da história ambiental, com ênfase em uma análise sistêmica da relação entre humanos e o ambiente.

Palavras-Chave: Relatos de viagem; Paraná; Bioma Mata Atlântica

¹Mestranda em História (Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil). E-mail: taynagruber@gmail.com

²Doutora em História (Universidade Estadual de Campinas, Brasil). Professora adjunta do DEHIS e do PPGH da UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil). E-mail: ale.marumbi@gmail.com

Tratar do Paraná na passagem do século XIX para o século XX é versar sobre um ideal republicano de progresso que atingia, em diferentes proporções e modos, o território nacional. Como em outros países considerados zonas periféricas no período, o Brasil sonhava em atingir os padrões da revolução científico-tecnológica de países como Inglaterra, França, Alemanha e Estados Unidos. Segundo Cruzetta (2010, p. 5-6), o Brasil não possuía um aparato tecnológico e econômico para produzir uma revolução industrial aos moldes europeu e norte-americano e, por isso, tentou criar condições e assimilar leis e hábitos para se modernizar, aos seus próprios modos. Entre as atitudes tomadas, a autora elenca “a adoção de práticas econômicas liberais, a abolição do trabalho escravo, a imposição de padrões higienistas e educacionais inspirados em modelos europeus[...]”. Pode-se ainda incluir nesse conjunto de ações modernizantes a Proclamação da República” (CRUZETTA, 2010, p. 11-12), às implantações e expansões das estradas de ferro, a ampliação de redes de cabos telegráficos, a urbanização crescente, a migração, a exploração de novas fontes de energia e o desenvolvimento das indústrias de bens de capital.

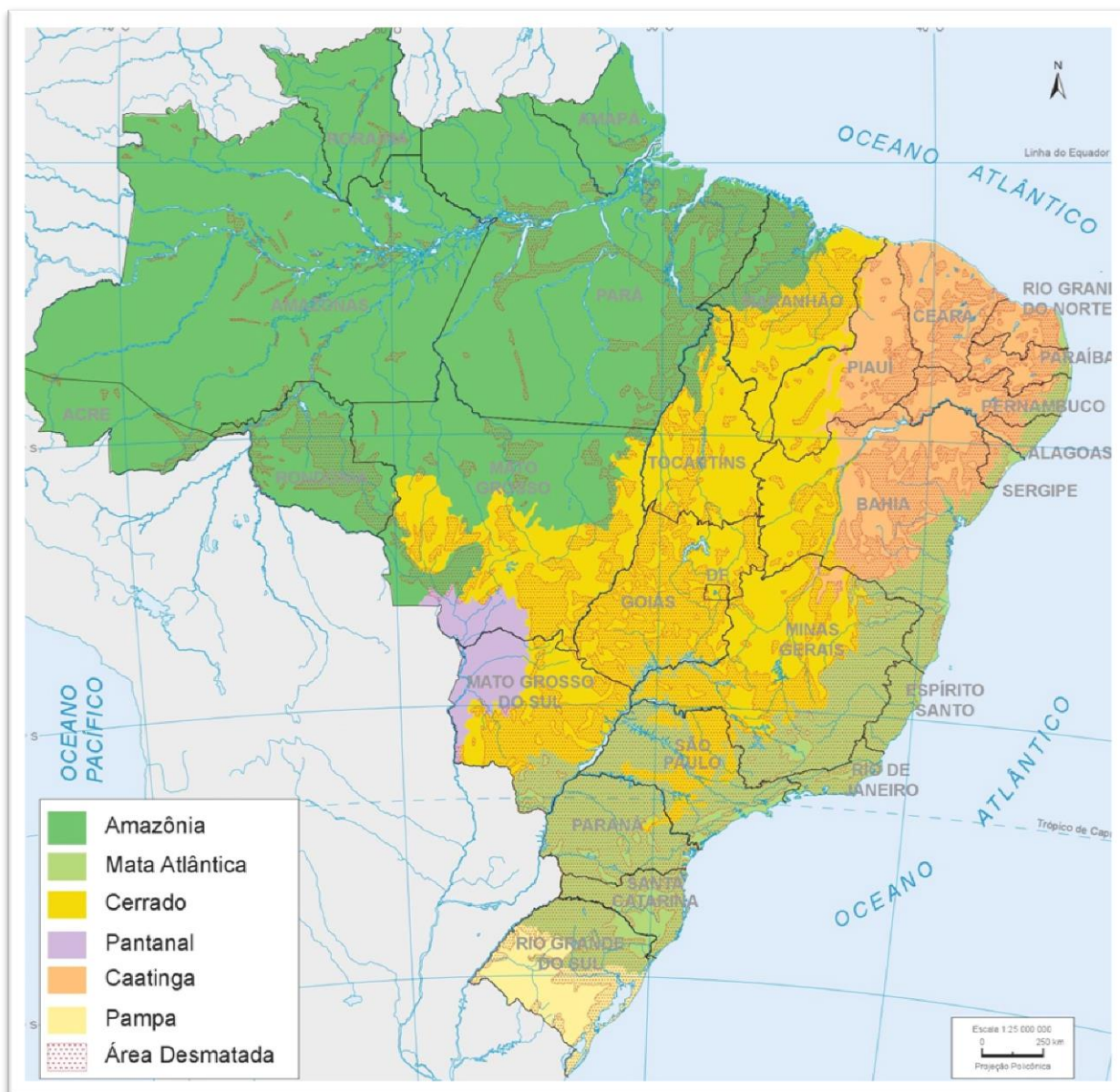
Com vistas a esse ideal de progresso, o Paraná contribuía primordialmente com o cultivo de erva mate, a extração de madeira e a produção de gado. No final do século XIX e início do século XX advém para a região as linhas férreas, e com elas acaba sendo modificado todo o fluxo de matérias-primas, de transporte de muares, de trânsito de pessoas, assim como a paisagem. Se o Brasil passava a ter o que Süssenkind (1987) define como “paisagem tecno-industrial em formação”, significa que uma configuração anterior, ainda muito marcada pela presença da natureza, estava sendo reiteradamente alterada.

É válido salientar que as relações com o mundo natural nos séculos XIX e XX no Brasil não eram homogêneas. Desde o final do século XVIII, segundo Pádua (2004), grupos de estudantes brasileiros ligados à Universidade de Coimbra já iniciavam reflexões sistemáticas sobre o uso das florestas no Brasil. Entre esses que escreviam sobre o tema, o autor salienta as discussões de José Vieira Couto, que “começou a formular críticas ao caráter rudimentar e predatório da economia colonial” (p. 17) embasadas em um “Iluminismo Luso-Brasileiro”, ou seja, críticas que “não defendiam a natureza por seu valor estético ou espiritual”, mas sim por seu valor político e econômico. Ainda segundo Pádua (2004), essas discussões se desdobraram tanto para o século XIX quanto para o XX, sendo reforçadas por novas perspectivas e questões mais contemporâneas. Apesar do debate, foi apenas em 1934 que o país teve sua primeira lei florestal abrangente e tal demora se deu, entre outros fatores, devido “ao mito da natureza inesgotável” que favorecia o uso incauto da floresta.

Ao fazermos um retorno à contemporaneidade, os dados mostram que nada há de inesgotável em nossas florestas. Segundo o Ministério do Meio Ambiente, o bioma Mata Atlântica, que abrange

grande parte do território paranaense, conta com 22% de sua cobertura original no país (2016). Já de acordo com o último levantamento realizado pela Fundação SOS Mata Atlântica e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (2016), o índice cai para apenas 12,5%.

MAPA 1 : Mapa dos biomas do Brasil.



Fonte: IBGE. Disponível em: <<http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-territorio/biomas.html>> Acessado em 15/06/2017.

Levando em consideração o desaparecimento desse grande mosaico vegetal e visando contribuir com as discussões que fazem uma análise sistêmica das relações entre humanos e não-humanos, o que nos propomos é: analisar como Nestor Borba, José Cândido da Silva Muricy e Jayme Ballão, viajantes brasileiros e moradores do Paraná do fim do século XIX e início do século XX

relataram as percepções, sentimentos e sensações que tiveram ao entrar em contato com uma parte do mundo vívido e complexo do estado, a Mata Atlântica.

JUSTIFICATIVA:

O conjunto documental levantado para este artigo constitui-se de três relatos de viagem. O critério para a criação do conjunto de fontes foi de que os relatos deveriam ser escritos por viajantes brasileiros, e que estivessem em jornada pelo território paranaense.

Em uma pesquisa na historiografia atual podemos notar que esse não é um recorte usual de fontes. Mesmo os trabalhos que se aproximam dessa temática, como o de Luciano D. B. Lima (2016) sobre as relações dos viajantes com a biótica da urbe amazônica no século XIX, privilegiam os relatos de europeus. O mesmo acontece em diversas outras pesquisas, com os mais variados enfoques, que analisam o mesmo período. Seja para tratar da exploração dos rios Amazonas e Madeiras, durante o Brasil Império (VERGARA, 2013), a relação entre ciência e natureza (BARBOZA, 2010) ou os sertões e os mestiços (MIRANDA, 2009), o conjunto de fontes utilizado, via de regra, dá ênfase ao olhar do estrangeiro sobre os aspectos biofísicos nacionais.

Na historiografia paranaense os resultados não são muito diferentes. Os trabalhos que têm como recorte temporal o final do século XIX ou início do XX tendem a usar relatos dos naturalistas europeus para tratar das paisagens e dos sujeitos, sendo os autores mais comumente explorados August de Saint-Hilaire (PEREIRA; IEGELSKI, 2002) e Thomás P. Bigg-Whitter (BONNICI, 2012). Muitos optam por um conjunto documental misto, usando tanto esses relatos de estrangeiros quanto alguns relatos nacionais. Alguns exemplos são os trabalhos João A. Reque (2000) sobre a dicotomia entre civilização e barbárie no território paranaense no século XIX, que usa tanto os relatos dos dois naturalistas anteriormente citados quanto documentos oficiais da Província do Paraná em seu conjunto de fontes, e a dissertação de mestrado de Dárcio Rundvalt (2016) que trata das paisagens dos Campos Gerais, no Paraná, e utiliza tanto dos relatos de Saint-Hilaire e Bigg-Whitter quanto do brasileiro Visconde de Taunay.

Um trabalho no campo da história que, em termos de fontes analisadas, nos permite travar alguns diálogos, é o de Cezar Karpinski (2011). Sua tese tem como objeto de análise os discursos produzidos sobre o Rio Iguaçu entre os anos de 1853 a 1969 e contribui para a análise por compartilhar uma das fontes com a qual nos propomos trabalhar: o relato de viagem de José Cândido da Silva Muricy, e por também ter como recorte geográfico o estado do Paraná.

Consideramos que essas abordagens são, obviamente, pesquisas importantes e pertinentes, e sabemos também que, em números, os relatos de naturalistas europeus no século XIX são vastos e

talvez mais famosos que os escritos por brasileiros no mesmo período. Por outro lado, acreditamos que usar um conjunto de fontes que priorizem o olhar das pessoas que viviam no Paraná, pensando-os a partir de sua cultura e de seu contexto sócio-político, ou seja, do seu lugar social, pode trazer novas contribuições para a historiografia.

Além do recorte das fontes que não são tão usuais, consideramos que esta pesquisa vem a ser significativa para a historiografia por investigar como, por meio desses exemplos, as pessoas possam ter experienciado o bioma Mata Atlântica no passado. Nossa discussão encontra ecos em trabalhos como de Diogo de Carvalho Cabral (2012), geógrafo que em sua tese de doutorado aborda como se dava a relação entre pessoas e o bioma Mata Atlântica no Brasil Colonial; Leonardo Castro (2008), antropólogo que escreve sobre a criação do conceito Mata Atlântica, com ênfase nos tramites políticos; e Christian Brannstrom (2002), também geógrafo que em diversos trabalhos realiza a crítica ao conceito Mata Atlântica e também aos usos deste no oeste paulista.

É partir destes autores que este trabalho pensa o bioma como sendo “tanto uma realidade biofísica quanto uma construção cultural e política, ambas em movimento e em interação” (CABRAL, 2012, p. 11). Buscamos assim sair do senso comum de avaliar o tema na dicotomia humanos versus natureza, ou ainda, da visão inocente e restrita que considera o ser humano apenas como sujeito de destruição versus bioma, objeto pré-existente e imaculado.

Apesar de serem vários os trabalhos que tratam da paisagem paranaense, dos rios e mesmo das matas, são poucos os que, dentro do campo da história, trabalham a partir da categoria “bioma Mata Atlântica”. O primeiro trabalho encontrado, e provavelmente o mais clássico e debatido, foi a obra “A ferro e fogo”, de Warren Dean (1996). Partindo desde o período pré-humano até os anos 1990, o autor faz uma análise da trajetória dos usos das florestas que constituem o bioma Mata Atlântica. As críticas à obra giram em torno dos números da devastação por ele levantados, a visão pessimista oriunda da tradição declensionista, até a delimitação que o autor dá para o bioma (BRANNSTROM, 2016). Outro historiador que trata o tema é José Augusto Pádua (2004, 2015), que aborda biomas em geral (não só a Mata Atlântica, apesar de enfatizá-la) e a construção do território nacional. No que diz respeito especificamente ao território paranaense, encontramos apenas o trabalho de Gilmar Arruda (2010), que trata das grandes transformações da biota no Paraná através das populações em movimento.

Visando contribuir com tal debate, este trabalho se propõe a fazer uma reflexão menos dicotômica entre bioma e humanos, buscando através dos relatos compreender como foi para esses três

sujeitos experienciar algumas características deste mundo biofísico complexo, o qual os mesmos também consituem.

METODOLOGIA:

Na tentativa de melhor compreender as formas como esses viajantes interagiram com o bioma, buscaremos nos orientar pelo pensamento sistêmico. O pensamento sistêmico ou a teoria de sistemas (CAPRA, 2002) é uma opção de análise que se opõe ao paradigma mecanicista/reducionista, o qual com seu viés dualista dividiu o mundo entre a *res cogitans* (a natureza da mente, sem extensão no espaço) e a *res extensa* (a natureza da matéria, mecanicamente determinada). Podemos pontuar, de forma extremamente resumida, que nessa divisão, caracterizada entre o sujeito e o objeto do conhecimento, apenas a razão explicaria e dominaria o mundo de maneira pragmática. De acordo com Morales-Jasso,

El dualismo esdisyuntivo y mecanicista por lo tanto, esexcluyente, simplificador y unilineal. Tienesuorigen moderno en René Descartes, Isaac Newton y Francis Bacon. Por otro lado, elsistemismo se remonta a la cibernética de Norbert Wiener y William Ross Ashby, a HeinzvonFoerster, Gregory Bateson y a Ludwig vonBertalanffy. El sistemismoconcibeel universo como complejo, no como formado por mecanismos, sino por sistemas formados de sistemas, que a su vez dan lugar a sistemas emergentes. (2016, p. 594)

Assim, quando nos propomos a fazer uma análise inspirada pelo pensamento sistêmico, das experiências vividas e narradas dos viajantes sobre as peculiaridades do bioma Mata Atlântica, o que pretendemos é analisar os discursos produzidos por eles não apenas como observadores, mas como pessoas que, ainda que por um lapso de tempo, interagiram com esse ambiente, o experienciaram e o sentiram corporalmente, numa espécie de “dinâmico entrelaçamento”, pois como afirma Tilley (2014, p. 41), “o ato de perceber o mundo vincula o sujeito ao todo do qual ele ou ela já faz parte”.

Dialogar com o sensível é tentar entender a vida humana em suas idiossincrasias; é entender o mundo não mais como um amontoado de objetos sobre o qual as pessoas, em seu antropocentrismo, racionalizariam o tempo todo e sim, como sugere Ingold (2012), como uma malha de coisas que estão “sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas” (2012, p. 29). Conforme Maffesoli (1998), esse tipo de abordagem sobre o mundo sensível “não se trata de uma fanfarronada, mas sim, de desejo de participar de um debate intelectual que ultrapasse as habituais categorias de um cartesianismo”(1998, p.15).

Uma rota para alcançar esse mundo sensível nas fontes é por meio da perspectiva da experiência, sugerida por Tuan (1983, p.9) onde o mesmo pontua que “experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade” e esse constructo se daria na interface entre sentimentos e pensamentos. Pois, ainda segundo o mesmo autor, “as emoções dão colorido a toda experiência humana, incluindo os níveis mais altos de pensamento”

(1983, p.10). Essa percepção da experiência como algo constituinte da vida dos seres humanos, vai ao encontro do que Maturana e Varela defendem quando pontuam que:

A experiência de qualquer coisa “lá fora” é validada de modo especial pela estrutura humana, que torna possível “a coisa” que surge na descrição. Tal circularidade, tal encadeamento entre ação e experiência, tal inseparabilidade entre ser de uma maneira particular e como mundo nos parece ser, indica que todo ato de conhecer produz um mundo. (1995, p. 68)

Além dessas referências, nos aproximaremos também do debate historiográfico existente para a compreensão de outro conceito chave: viajantes. Para os dicionários em geral, viajante é simplesmente aquele que viaja, segundo Rundvalt (2017, p.22), a palavra viajantes “nos soa plena, parece capaz de englobar em uma única categoria toda uma miríade de indivíduos, projetos e objetivos” mas, como o próprio autor salienta, isso destoa da realidade. Cada sujeito locomove-se de um lugar a outro com objetivos, aspirações e percepções distintas.

Se viajar nunca é igual e varia conforme o viajante, o primeiro pressuposto do qual partiremos é que toda viagem, ainda que não seja ensimesmada, é sempre um evento único, circunscrito dentro de um momento que a promove, de um acontecimento que gera a ação de viajar. O viajante, nesta perspectiva, não é só aquele que percorre um trajeto, mas aquele que a partir de circunstâncias objetivas e subjetivas cria a viagem, lhe atribui sentidos e valores.

Nessa lógica, pretendemos usar a metodologia proposta por Pádua de construir uma tipologia diferenciada quanto à formação e objetivos de cada viajante, ressaltando as aproximações e distanciamentos.

É possível diferenciá-los, por exemplo, segundo sua base profissional - naturalistas, artistas, técnicos, professores, diplomatas, militares, marinheiros, negociantes etc. Pode-se também distinguir as iniciativas individuais – como a viagem de Maximilian de WiedNewied, em 1815 – das missões coletivas previamente negociadas, como a Missão Austríaca de 1817, organizada para acompanhar a comitiva da princesa Leopoldina em seu casamento com o príncipe herdeiro português. Uma leitura mais detalhada poderia examinar o peso dessas diferenças de condição profissional e institucional no tipo de representação da paisagem local feita por cada viajante. (PÁDUA, 2009, p.6)

Por fim, para o melhor entendimento do mosaico biótico e abiótico que constitui o bioma será necessário o diálogo com outros campos do conhecimento, pois como afirma Duarte (2009, p. 936) “uma das barreiras à expansão do conhecimento, na atualidade, tem sido a excessiva especialização dos profissionais das várias áreas e a hiperfragmentação do saber” e, que “o novo milênio demanda ‘passarelas’ permanentes entre saberes particulares, na construção do conhecimento”. Portanto, para esta pesquisa o suporte bibliográfico de áreas como biologia, geologia, zoologia, por exemplo, serão fundamentais, ainda que essa interface caracterize ao mesmo tempo um desafio, pois como relata Worster (1991, p. 202), muitas vezes estas se configuram como “novas linguagens” aos historiadores.

OBJETIVO GERAL:

Analisar como foi narrada a interação desses viajantes brasileiros, do final do século XIX e início do século XX, com parte do bioma Mata Atlântica presente no território do Paraná. Dialogando com uma abordagem sistêmica das relações estabelecidas entre sujeitos e natureza, a intenção é buscar compreender quais percepções, sentimentos, sensações e/ou discussões essa experiências suscitaram.

RESULTADOS PRELIMINARES:

A fim de traçar alguns esboços sobre como poderiam ter sido algumas das formas com que as pessoas percebiam o bioma da Mata Atlântica no passado, buscamos fontes que trouxessem algumas pistas, indícios sobre a temática. Como já mencionado, as fontes selecionadas são descrições de viagens. Visto a necessidade de sintetizarmos os resultados, apresentaremos brevemente os viajantes, dando destaque nesse momento a apenas um dos pontos em comum que encontramos em seus relatos: os sons do mundo não-humano.

A primeira descrição de viagem analisada é do Capitão Nestor Borba, realizada na companhia de seu irmão Telêmaco Borba, saindo da cidade de Curitiba e indo até as Sete Quedas na região de Guairá. O trajeto a partir da Colônia de Jathay (atual município de Jataizinho/PR) foi feito em canoas, navegando os principais rios do Paraná. A viagem ocorre entre o final de 1875 e início de 1876. O objetivo central da viagem foi colher informações sobre as Sete Quedas, tendo o incentivo do então presidente da província do Paraná, Adolpho Lamenha Lins. Tal relato está disponível na obra “Monumenta: Relatos de viagem à Guaíra e Foz do Iguaçu” (BERBERI, 1999, p.11).

Abaixo, no MAPA 2, foi projetado de forma aproximada o trajeto feito por Nestor Borba. O mapa é de 1896 e não faz parte do relato original, este foi feito por ordem do então governador José Pereira Santos Andrade, e realizado pela Secretária de Obras Públicas e Colonização do Estado. O mapa foi georreferenciado com o uso do *software* ArcMap 10.2.2, para a obtenção de localizações mais precisas.

OS VIAJANTES E A MATA ATLÂNTICA NO PARANÁ: Diferentes percepções de um bioma (1875 – 1920)

GRUBER, T.; CARVALHO, A. I.

MAPA 2: Rota aproximada da viagem de Nestor Borba.



Fonte: ITCG, Instituto de Terras, Cartografia e Geologia do Paraná. Disponível em: <http://www.itcg.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=16>. Data de acesso: 10/10/2017.

A segunda descrição de viagem é a do Tenente José Candido da Silva Muricy, feita em 1892, que teve como local de partida Guarapuava e como ponto de chegada à tríplice fronteira. Esta viagem foi feita por uma comitiva, e a forma de locomoção eram muares. Muricy trabalhava nesse período na Comissão de Estradas Estratégicas do Paraná e sua empreitada se deu com o objetivo de fiscalizar a

picada aberta entre Guarapuava e a Colônia Militar de Foz do Iguaçu. Assim como o primeiro relato, este também está publicado na obra Monumenta.

No MAPA 3, projetamos o trajeto aproximado feito por este viajante. Muricy não relata todas as localidades pelas quais passou, e devido às prováveis mudanças de nomenclaturas de algumas serras e rios, não foi possível traçar a rota de forma tão aproximada quanto nos outros dois relatos. O mapa sob o qual projetamos essa rota é o mesmo utilizado para o relato de Nestor Borba, e como já mencionado data de 1896 – que neste caso coincide com a data que Muricy publica seu relato, porém não faz parte da obra – e foi feito por ordem do então governador José Pereira Santos Andrade, e realizado pela Secretária de Obras Públicas e Colonização do Estado.

MAPA 3: Rota aproximada da viagem de José Cândido da Silva Muricy Jr.



— Rota aproximada José Cândido da Silva Muricy Jr. □ Limite Paraná 0 40 80 160 240 Km

Fonte: ITCG, Instituto de Terras, Cartografia e Geologia do Paraná. Disponível em: <http://www.itcg.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=16>. Data de acesso: 10/10/2017.

A terceira descrição de viagem analisada é de Jayme Ballão, advogado e jornalista paranaense. Neste, Ballão relata a viagem que fez a pedido do Presidente da Província do Paraná e na companhia de outros repórteres e políticos, com destino a Foz do Iguazu em 1920. A principal diferença dessa viagem, e que a torna ainda mais relevante para o conjunto que integra, é que essa viagem foi realizada, em sua maior parte, em automóveis. Tal relato foi publicado em formato de livro em 1921, com o título “A Foz do Iguazu e as Cataractas do Iguazu e do Paraná”.

Neste MAPA 4, projetamos o trajeto feito por Jayme Ballão. O mapa utilizado para esta projeção é de 1921, feito por Romário Martins, então diretor do Museu Paranaense. Pela temporalidade do relato, que permite uma identificação mais precisa das cidades e das estradas, e pela descrição detalhada que Jayme Ballão faz dos locais perpassados, acreditamos ser essa projeção a mais aproximada do itinerário da viagem tal qual o autor descreve.

MAPA 4: Rota aproximada da viagem de Jayme Ballão.



Fonte: ITCG, Instituto de Terras, Cartografia e Geologia do Paraná. Disponível em: <http://www.itcg.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=16>. Data de acesso: 10/10/2017.

Como mencionado no início do tópico, uma das questões que aciona a percepção dos viajantes é o som. Segundo Tuan, os olhos obtêm informações muito mais precisas e detalhadas, sobre o meio ambiente do que os ouvidos, mas geralmente somos mais sensibilizados pelo que ouvimos do que pelo que vemos isso porque “não podemos fechar nossos ouvidos como podemos fechar os olhos. Sentimo-nos mais vulneráveis aos sons” (1980, p.10).

Nas fontes, essa vulnerabilidade que a audição oferece aparece de algumas formas. Em Muricy, surge como uma sensação de isolamento, de medo:

Tão longe, perdidos, isolados no meio d'essas solidões, entristece-nos o alegre cantar do passarinho, doe-nos no intimo o triste gemer da jurity ou o plangente grito das urutágoas ao cair da tarde. Amedrontanos o monotono ruido das cascatas, encommoda-nos o farfalhar das folhas, embaladas pelo vento; tudo enfim, nos causa uma desagradavel impressão, porque tudo insensivelmente se alia ao nosso isolamento. (MURICY, 1892, apud.CRUZ, 1999, p. 57)

Já para Ballão (1920, p. 16), os sons representam um mundo distante “silencioso de vozes humanas e onde só impera o urro das feras e a música sortuna do vento nas frinchas das árvores seculares”. Para Borba (1875, apud CRUZ, 1999, p. 26), os barulhos das quedas em Foz do Iguaçu “produzem um rumor medonho, que parece pôr em oscillação a terra em derredor”. De forma geral, podemos notar que o som dramatiza essas experiências espaciais destes viajantes.

Segundo Karpinski, “a sensibilidade emerge como um elo entre o inteligível, compreensível e narrável e o inexplicável, o vago e o intraduzível” (2011, p.146). Ou seja, acreditamos que essas percepções do mundo biofísico são delineadas pelas lentes culturais que esses sujeitos traziam consigo, da visão de natureza como algo externo. Esta era uma visão muito influenciada pela ciência da época, mas que vinha também acompanhada de uma certa romantização da natureza que, de acordo com Murari, “a partir do século XIX, adquiriu cada vez maior repercussão na cultura ocidental”. Isso é interessante, pois tornar o mundo natural mais poético gerava um “dilema entre o uso dos espaços e dos recursos naturais para o desenvolvimento e a continuidade das sociedades modernas, e a crescente sensibilidade e reverência para com as plantas, os animais, e os lugares selvagens”(2002, p. 46).

Os três viajantes estavam intimamente ligados com a política paranaense. Tratando de forma ampla, eles faziam essas viagens e posteriormente teciam seus relatos como forma de apoiar um projeto de estado, um discurso que visava desde defender o território paranaense em sua tríplice fronteira até conseguir arrecadar fundos pra determinadas regiões. Porém, há também nesses relatos o “inexplicável”, a sensação indescritível; o medo, ou ainda, “coisas incontroláveis, imprevisíveis, mas não menos humanas. Coisas que, em graus diversos, atravessam as histórias individuais e coletivas” (MAFFESOLI, 1998, p. 11). Aqui apontamos brevemente a questão da sonoridade, mas nos relatos outros pontos de percepção das vivências desses sujeitos com características do bioma aparecem, como

a questão das colorações diferenciadas do ambiente conforme se alteram as fitofisionomias até a relação com os demais animais, uns causando temor outros trazendo apaziguamento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a orientadora deste trabalho, professora Alessandra Izabel de Carvalho, e ao co-orientador professor Christian Brannstrom. Aos meus colegas e professores do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa, e ao Laboratório de Pesquisa em Memória, Cultura e Natureza, também da UEPG, coordenados pela professora Alessandra juntamente com o professor Robson Laverdi. Ademais, deixo nominais e calorosos agradecimentos aos estimados: Ivan Rossi, Juliane Roberta Santos Moreira, Samara Hevelize de Lima, Aline Borato, Suelene e Arion Gruber.

REFERÊNCIAS

- Arruda, G. A grande transformação e a biota cultural das populações em movimento. *Revista Diálogos*, UEM, v. 14, n.2, p. 287 – 303. 2010.
- Ballão, J. A Foz do Iguaçu e as Cataractas do Iguaçu e do Paraná (descrição de viagem). Curitiba: Typographiad'A República, 1921.
- Barboza, C.H.M. Ciência e natureza nas expedições astronômicas para o Brasil (1850-1920). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 5, n. 2, p. 273-294, 2010.
- Berberi, E. Denipoti, C. (Org.) *Monumenta: Relatos de viagem à Guaíra e Foz do Iguaçu*. Curitiba: Tetravento, 1 v, n. 4, 1999.
- Bonnici, T. Ecocrítica e pós-colonialismo: o fitar de Bigg-Withern na Floresta Atlântica do Paraná. *Intersimiose*, n. 2, p. 171 -184, 2012.
- Brannstrom, C. Repensando a Mata Atlântica Brasileira: cobertura vegetal e valor da terra no oeste paulista, 1900 a 1930. *Revista Varia História*, v. 18, n. 26. 2002, p. 58 – 76.
- _____. A ferro e fogo, história ambiental e a geografia brasileira: um diálogo por inventar. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 61. 2016, p. 109-125.
- Cabral, D.C. 'O bosque de madeiras' e outras histórias: a Mata Atlântica no Brasil Colonial (séculos XVIII e XIX). Rio de Janeiro – RJ. 2012. 245p. Tese (Geografia – UFRJ).
- Capra, F. *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. São Paulo, SP: Editora Pensamento - Cultrix Ltda, 2002.
- Castro, L. A construção da Mata Atlântica. In: *Anais: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia*. 2008.
- Cruzetta, F. C. *Rememorações da cidade de Curitiba: visões de progresso nas décadas iniciais do século XX*. Curitiba, UFPR, 2010.

- Dean, W. A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlânticabrasileira. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.
- Duarte, R. H. História e biologia: diálogos possíveis, distânciasnecessárias. *Historia, Ciência e Saúde*. Rio de Janeiro , v. 16, n. 4, p. 927- 940, 2009.
- Ingold, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhadoscriativosnum mundo de materiais. *Horizonte antropológico*. Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.
- Karpinski, C. Navegação, cataratas e hidrelétricas: discursos e representações sobre o RioIguaçu (Paraná, 1853-1969). Florianópolis, SC. 2011. 375p. Tese (História – UFSC).
- Lima, L. D. B. Belém e o mundo natural: olhares de viajantes sobre plantas e animaisna urbe amazônica (1840-1860). *Boletim do MuseuParaenseEmílioGoeldi. Ciências Humanas*, v. 11, n. 2, p. 505-519, 2016.
- Maffesoli, M. Elogio da razãosensível. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- Maturana, H.; Varela, F. A árvore do conhecimento: as bases biológicas do conhecimento humano. Campinas: Psy, 1995.
- Miranda, L. F. A. O Deserto dos Mestiços: O Sertão e seus Habitantes nos relatos de viagem do início do Século XIX. *Revista História*, v. 22, n. 2, p. 621 – 643, 2009.
- Morales-Jasso, G. La categoría —ambientell. Una reflexión epistemológica sobre su uso y su estandarización en las ciencias ambientales. *Nova Scientia*, v. 8, n. 1, p. 579-613, 2016. MURARI, Luciana. Tudo mais é paisagem: Representações da naturezana cultura brasileira. São Paulo, USP, 2002.
- Pádua, J. A. Defensores da Mata Atlântica no Brasil colônia. In: *Revista Nossa História*. Abril de 2004. _____ . Natureza e sociedade no Brasil monárquico. In: Grinberg, K.; Salles, R. (orgs.). *O Brasil Império*, Vol. III. Rio de Janeiro: CivilizaçãoBrasileira, 2009.
- _____. A Mata Atlântica e a Floresta Amazônicanaconstrução do território brasileiro: estabelecendoum marco de análise. *Revista de História Regional* v.20, n.2, p. 232-251, 2015.
- Pereira, M. A. M. Iegelski, F. O paraíso terrestre no Brasil: Os Campos Gerais do Paraná no relato de Auguste de Saint-Hilaire. *Revista de História Regional*, v. 7, n.1, p. 47-72, 2002.
- Reque, J. A. Civilização e barbárie no território paranaense: (1820- 1875). 2000. 52 p. Monografia (História) – Universidade Federal do Paraná.
- Rundvalt, D. Para além do cenário, do palco ou do pitoresco: a paisagem dos Campos Gerais no Paraná nos relatos de viagem do século XIX — Auguste de Saint-Hilaire, Thomas P. BiggWither e Visconde de Taunay. UEPG, 2016.
- Süssekind, F. Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- Tilley, C. Do corpoao lugar à paisagem, uma perspectiva fenomenológica. *Revista Latino-Americana de ArqueologiaHistória*. v.8, n.1, p. 23 – 62, 2014.
- Tuan, Y. Topofilia - Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

Vergara, M. R. A Exploração dos rios Amazonas e Madeira no Império Brasileiro por Franz Keller-Leuzinger: imprensa e nação. Almanack. Guarulhos, n.06, p.81-94, 2013.

Worster, D. Para fazer história ambiental. In: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, n°. 8. 1991

THE TRAVELERS AND PARANÁ'S ATLANTIC FOREST: Different perceptions of a biome (1875 – 1920).

ABSTRACT:

This research intends to comprehend how the biotic and non-biotic factors of a portion of the Atlantic forest biome, on Paraná's territory, were perceived and described by travelers by the end of the 19th century and beginning of the 20th. The documentary set raised for this article was composed by three travel reports, being the first description analyzed the one by Captain Nestor Borba, fulfilled in 1875, having the city of Curitiba as departure point and Guairá Region's Sete Quedas as final destination. The second description is by lieutenant José Candido da Silva Muricy, fulfilled in 1892, having Guarapuava as departure point, and the triple border on Foz do Iguaçu and the Sete Quedas on Guairá as destinations. And the last travel description analyzed was by journalist Jayme Ballão, who performed this course in 1920, starting in Curitiba and also having as final destinations the triple border on Foz do Iguaçu Region and the Sete Quedas on Guairá city. This material's study approaches the following questions: Inquire further who were these selected travelers and what motivated them into traveling and writing about it; how do the biome characteristics appear on their reports; and what feelings, sensations, perceptions and/or discussions this experience has evoked. In order to build the methodological and theoretical basis, this paper dialogues with environmental history thinkers, emphasizing a systematic analysis of the relation between humans and the environment

Keywords: Travel reports; Atlantic forest biome; Paraná.